

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

JOSÉ ESTANISLAU DE SOUZADOUTOR

NOME E POSTO

**RIO DE JANEIRO**19 85

16

GN-00000664-0

MM-EGN
BIBLIOTECA
28/06/1986
N: 86

CAD. AC. 82827
EX. 87121

DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE

BOSE ESTANISLAU DE SOUSA
Assistente Jurídico



MINISTERIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

TEMA: DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE

- Pontos a considerar:
- a) Análise de um possível padrão de desenvolvimento, aplicável a todas as nações, em determinada época considerada;
 - b) Grau de autonomia que a vida internacional deixa a cada país, na época atual, para definir seus ramos em termos de qualidade de vida; e
 - c) Análise do problema, sob o ângulo brasileiro.

PROPOSIÇÃO: Analisar um possível modelo de desenvolvimento, aplicável a todas as nações, em determinada época considerada e, dentro deste contexto, o problema brasileiro.

DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE

Em nossa espécie, a sociedade não é só de pessoas, mas também de coisas produzidas pelo trabalho. Este, além de social, é executado por seres pensantes, através de instrumentos adrede fabricados. Graças ao trabalho apropriamo-nos da natureza e incorporamo-la aos objetivos do mundo que nos é peculiar. Se não houvesse produção de bens, a sociedade humana seria semelhante à dos animais. É pela produção que o homem se destaca, em definitivo, do mundo animal e parte para a edificação do mundo humano.

O mundo humano não se compõe de uma série de pensamentos nem de mera coleção de desejos suspensos no ar. Ele é algo de concreto e provém do trabalho social produtivo.

Seria impossível entender os sistemas sociais sem referi-los fundamentalmente às relações que o modo de produzir de uma dada época condiciona e torna plausíveis.

A primeira coisa que o homem faz em sociedade é produzir para viver. Para produzir, usa instrumentos, aplica conhecimentos e experiências que decidem o tipo de relações que unirão e organizarão os indivíduos associados no trabalho. Desse modo, o tipo dessas relações - relações básicas da vida em sociedade - prende-se a uma estrutura fundamental integrada por um conjunto de fatores, dentre os quais se destacam os instrumentos de trabalhos, os conhecimentos e as técnicas, além, naturalmente, do meio físico com a peculiaridade de sua constituição e de seus recursos.

As relações da sociedade primitiva, da sociedade grega e romana, da sociedade medieval ou da sociedade capitalista baseiam-se em estrutura diferentes, e não é por acaso que isto acontece. Os meios de produção, os conhecimentos científicos e as técnicas dominantes ou existentes nessas sociedades for-

necem a chave para a compreensão dos seus respectivos sistemas sociais.

Quando a capacidade dos meios de produção se transforma, quando as técnicas se aperfeiçoam, as relações existentes entram a mudar com maior ou menor rapidez. Um momento chegou na Idade Média, por exemplo, em que seus quadros políticos e econômicos não mais comportavam as relações que os novos meios de produção e de troca impunham. Se o modo de produzir, isto é, se a estrutura social não se houvesse modificado, não teria havido outro sistema social, outro mundo cultural e, por conseguinte, outra história humana.

Há, conseqüentemente, um processo histórico na organização e transformação das sociedades, cujo ponto de referência são as relações que entre os indivíduos se estabelecem, ao se lançarem à tarefa de produzir os bens destinados à satisfação das necessidades sociais.

O modo de produção das modernas sociedades industrializadas engendra relações que o modo de produção romano ou medieval não seria suscetível de gerar.

Neste século, enquanto a geração da década de trinta deslumbra-se com a realidade científica e tecnológica que supera a sua imaginação, a geração da década de 60 tem essa realidade como parte de seu cotidiano.

Não obstante, apesar de ter a tecnologia como dado, a atual geração certamente vivenciará uma radical modificação do seu mundo. Tal fato está presente em uma gama de coisas. Aqui e ali surge um componente, é o surgimento de um mundo novo.

Parece-nos que, desta vez, tudo ocorrerá paulatinamente, quase sem percebermos. Porém, a articulação desses elementos novos gerará algo inteiramente distinto. Um desses aspectos é a presença do computador. O curioso desta inovação não é a má

quina em si, mas o que nos levou a ela. São concepções, esquemas, teorias, aplicações e intenções que resultaram em máquinas até então não imaginadas e que têm efeitos radicais.

Daremos um exemplo. Um dos valores básicos de nossas concepções é o arquivo, a guarda, a formação de um patrimônio imobilizado (museus, bibliotecas, grandes prédios e instalações industriais). O grande, o maior, é um valor. Repentinamente, verifica-se que o novo valor tende a uma outra direção: mobilidade, rapidez, dimensões funcionais e utilização.

É uma nova dinâmica que corta as concretudes e busca relações as mais imediatas possíveis. Não que a função de guardar não permaneça; mas como banco de dados acessível à distância e não mais como prédios imensos especializados para tal fim. Todavia, estamos ainda tão presos a concretudes que vemos o computador (produto) e não sua função (dar com a máxima rapidez a informação solicitada). O ponto central é que isto tem efeitos e estes é que determinarão o novo mundo.

Daremos um exemplo que está se iniciando agora no Brasil. Os principais Bancos estão introduzindo sistemas computadorizados de atendimento ao público. O cliente, possuidor de um cartão e de um número-código, praticamente, não precisará mais de talão de cheques. Ele chega ao Banco, pede informações à máquina e esta lhe dá o seu saldo. Em seguida, com o cartão e o seu número-código, chega ao Caixa retira ou deposita dinheiro. O registro é simultâneo. Tanto assim que, após movimentar a sua conta, se se dirigir novamente à outra máquina para conhecer o saldo verificará que aquela operação já foi registrada.

Esta "pequena" alteração terá efeitos os mais diferenciados. Um deles sobre o tamanho das Agências Bancárias; outro, com o cartão, o cliente pode utilizar-se de qualquer Agência

daquele Banco para fazer retiradas, pagar contas de terceiros, tudo como se estivesse pagando em dinheiro e não mais em cheques. Vale a pena imaginar outras conseqüências como, certamente, a de um reduzido número de Caixas.

Devemos admitir que algo de novo está para acontecer. Alguns falam numa guerra nuclear, outros em invenções radicais que irão alterar a realidade do mundo atual.

Aliás, a ameaça de uma guerra nuclear tem estimulado o desenvolvimento de projetos de urbanismo subterrâneo. Já se tem notícia que estão esquematizados grandes trabalhos no subsolo, tais como o de Ville Marie no Canadá, o da Praça Shinjuku em Tóquio, ou o centro comercial sob as ruas de Osaka e a cidade paralela subterrânea na China.

Todavia, não obstante esse desenvolvimento, a compatibilização dos bens materiais e a qualidade de vida continua sendo um desafio para as nações.

Segundo alguns especialistas, isso deriva de que o atual capitalismo monopolista expressa uma tendência para uma crescente produção e acumulação, mas sem uma elevação proporcional e adequada em empregos. Em outros termos, estima que é indispensável um crescimento mínimo do Produto Interno Bruto (PNB) de 4% ao ano para que se evite o crescimento do desemprego e que é indispensável um incremento bem maior para reduzi-lo.

Examinando esta questão em termos gerais, ela gera expectativas não muito esperançosas.

As tecnologias intensivas, que foram desenvolvidas após a Segunda Grande Guerra, permitem aos monopólios aumentar sua produção sem, necessariamente, aumentar o mínimo de empregos. E as pequenas e médias empresas que podiam ser aquelas que gerariam os empregos necessários, estão hoje oprimidas pelas relações quase coloniais para com os monopólios e sua estrutura

financeira é fraca. Em decorrência disso, apesar de se utilizarem de tecnologia intensivas, elas têm poucas chances de crescer e, por conseguinte, deixam de gerar uma demanda adequada de mão-de-obra.

O desenvolvimento da automação requer enormes quantidades de capital e este só é disponível para as grandes empresas - os monopólios. Dessa forma, automação e grandes empresas andam juntos e atuam para a geração de poucos empregos. Se isto ocorre na área industrial de modo maciço e paralelo à produtividade, ocorre, também, na área agrícola, cuja racionalização, via mecanização, exerce uma queda vertiginosa na mão-de-obra empregada no setor.

Em um contexto capitalista, tanto a automação quanto a mecanização, resultam em um declínio do emprego nos setores produtivos e que têm de ser balanceado pela inchação do setor terciário ou do setor não produtivo.

E aqui emerge um problema novo. Pois o setor terciário não é um poço sem fundo. Desse modo, se com a automação a produtividade continua a crescer; porém, se o emprego industrial entra em estagnação, a necessidade de empregos só poderá ser encontrada na expansão do terciário. E se ficar saturado? O sistema entra em crise.

Como se pode verificar, a nova tecnologia se, por um lado, gera empregos, por outro, os elimina. Este fenômeno tem sido mais acelerado a partir da crise dos anos 70/75. Isto significa que são as grandes empresas que obtêm a melhor posição, desde que sejam as únicas capazes de lidar com os grandes capitais necessários para o incremento de tal tecnologia.

Tal tendência leva ao crescimento do fenômeno da troca desigual entre os dois setores, ficando as pequenas e médias empresas - que são mais intensivas de mão-de-obra - cada vez

mais à margem, à medida em que as grandes empresas se tornam mais intensivas de capital. O perigo aí é que a recuperação econômica pode ocorrer sem uma expansão necessária do emprego.

O que parece ser evidente é que o fenômeno de tendência declinante do emprego não parece mais ser conjuntural e sim estrutural. De modo que o mercado de trabalho só pode ser mantido se o setor terciário absorver a força de trabalho que vier a ser deslocada de outros setores.

Aqui se faz mister uma indagação. O que está ocorrendo nesse setor (terciário) e no novo campo de trabalho não-produtivo, isto é, as pessoas empregadas na indústria com funções burocráticas e de supervisão? A resposta é manifesta. O que se verifica aí é a crescente automação desses trabalhos de escritório com o uso de computadores. É uma tendência que se iniciou na década de 50. Se a linha de montagem não preservou os escritórios, o computador, também, não o fez; com isso a automação permite enorme liberação de força de trabalho.

Presentemente, a automação está sendo usada nos trabalhos de supervisão. São sistemas eletrônicos, circuitos fechados de TV, que permitem o controle da força de trabalho produtivo, sem aumento, e até redução, do número de supervisores. Não parece haver qualquer dúvida, embora possa ocorrer aumento global, que a expansão da automação para funções não-produtivas nas indústrias será uma freiada no aumento de trabalhadores. E esta automação está sendo utilizada em escritórios e em indústrias de serviços (bancos, comércio e seguro), assim como em certas operações (contabilidade) com menor exigência de mão-de-obra.

É claro que não se pode automatizar os serviços externos, isto é, aqueles que exigem contato com o público. Ocorre, todavia, que a concentração do capital também está se tornando

presente no setor de serviços. É que as atividades de escala se tornam mais racionais em termos de maximização de lucros e não há porque não estendê-la para outros setores. Como exemplo, poderemos citar os "Shopping Centers".

A única saída tem sido a intervenção estatal com o intuito de gerar empregos. Desde que o capital monopolista cria poucos empregos (e gera desempregos) a função suporte do governo torna-se essencial para a criação de novos empregos, seja em termos de despesas militares, como nos Estados Unidos, ou de despesas previdenciárias, como na Suécia.

Alguns sociólogos e economistas pretendem explicar esse fenômeno, dizendo que as nações em desenvolvimento estão passando por uma fase que as nações desenvolvidas já passaram. Todavia, essa assertiva não é verdadeira se compararmos a situação internacional de hoje com a situação internacional do século XIX. E aí vamos verificar a influência dessa diferença sobre o processo de desenvolvimento e suas características.

É bem verdade que os países em industrialização importam a tecnologia dos países já industrializados. A "priori", nos parece que o mesmo é válido para os países que, outrora, estavam em processo de industrialização. Todavia, a diferença é bem acentuada se compararmos que essa diferença não só depende da possibilidade de importar tecnologia, mas também do tipo de tecnologia que pode ser importada. No século XIX, as nações em desenvolvimento importavam tecnologia daquela época, diferentemente do que ocorre hoje com as nações em desenvolvimento. Se cotejarmos esses dois tipos de tecnologia, vamos verificar que as diferenças não são apenas de natureza quantitativa, mas também, com implicações de ordem qualitativa. Enquanto a tecnologia do século passado exigia muito trabalho, a deste século requer muito capital.

Desse modo, podemos inferir que uma das muitas conseqüências desse processo de industrialização na tecnologia do século XX é a possibilidade de atingir alto nível de produtividade sem a correspondente expansão da oferta de empregos.

Assim, dentre as diferenças entre a industrialização do século passado e a industrialização deste século, realça, como a mais importante, o grau em que o processo da primeira exigiu o emprego de grande quantidade de trabalho manual. Por conseguinte, a tecnologia do século XIX foi a do trabalho intensivo e não a do capital intensivo. Predomina esta, em grande escala, o trabalho manual, diferentemente daquela com predominância do capital sobre o trabalho.

Com efeito, os dados acima evidenciam que, por um lado, realmente, os Estados Unidos e os países da Europa ocidental experimentaram um fabuloso crescimento do número de operários industriais, por outro lado, países como o Brasil, ou melhor, toda a América Latina, não tiveram a mesma sorte.

Do exposto, podemos inferir que, a despeito das circunstâncias históricas, não há um processo de desenvolvimento econômico que sirva como paradigma para todas as nações que almejam o desenvolvimento.

Outro aspecto importante que merece ser realçado é que o século XX fez surgir modelos políticos mais alternativos, cuja adoção pode acelerar a marcha da industrialização e transferir uma parcela de seu custo social de uma classe (elite) para outra (trabalhadores).

Analisando o processo de industrialização brasileira vamos constatar que o mesmo vem sendo conduzindo com base numa estratégia adequada mais aos países desenvolvidos, do que a de um país em desenvolvimento. Com isso, o grande contingente de mão-de-obra ociosa não é absorvido, de vez que a tecnolo-

gia adotada é a do século XX, caracterizada pela predominância do capital intensivo em detrimento do trabalho manual.

Outro aspecto que merece ser realçado, no desenvolvimento brasileiro, é o baixo índice de alfabetização. O bom nível educacional tem influência na formação de atitudes, inclusive nas atitudes políticas, reduzindo certos traços de personalidade, como, por exemplo, o autoritarismo; altera, também, a organização das crenças no sentido de maior flexibilidade e e menor dogmatismo. Assim, o processo de desenvolvimento brasileiro caracteriza-se por ter massas que possuem predisposições psicológicas bem diferentes das massas dos países industrializados no século passado. Provavelmente, tais diferenças têm implicações políticas bem relevantes.

Finalizando, a realidade brasileira nos mostra que, malgrado o seu estágio atual de desenvolvimento, estamos muito a quém do desejado, e se, por um lado, temos um bem moderno par que industrial no Sudeste, por outro lado, vemos a miséria e o analfabetismo alardeando todo o Nordeste e Norte do país. Temos a Itaipu, considerada a maior usina hidroelétrica do mundo, em contrapartida, temos a maior dívida externa do mundo que, certamente, será um fator inibidor de nosso desenvolvimento por muitos anos.

BIBLIOGRAFIA

1. DURAND, José Carlos Garcia & MACHADO, Lia Pinheiro. Sociologia do Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 2 v.
2. FERNANDES, Florestan. Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
3. _____. Mudanças Sociais no Brasil. Rio de Janeiro, DIFEL, 1974.
4. LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento e Mudança Social. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1971.



00006620000086

Desenvolvimento e sociedade

1-A-19

1. DURAND, José Carl. Índia de Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. V.
2. FERNANDES, Florestan. Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
3. Mudanças Sociais no Brasil. Rio de Janeiro, DIFEL, 1974.
4. LOPES, Jairo Rubens. Desenvolvimento e Mudanças Sociais. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1971.

1-A-19

Este livro deve ser devolvido na
última data carimbada

12 SET 86

24 MAI 1986

EGN 145

Departamento de Imprensa Nacional --

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Souza, Jose Estanislau de

Desenvolvimento e sociedade

1-A-19

(86/86)

Souza, Jose Estanislau de

Desenvolvimento e sociedade

TÍTULO

1-A-19

RETRORRUM EM

NUMERO DO LECTOR (86/86)

12 SET 86

Aurelio Campos

AURELIO CAMPOS

24 MAI 1998

Rafael Rangel de Souza

02 JUN 2005

CC(FM) WILTON